

O da Capital aumenta

150%: Cr\$ 5 trilhões

O orçamento da Prefeitura de São Paulo em 1985 deverá ser de Cr\$ 5 trilhões, de acordo com o secretário municipal das Finanças, Denisard de Oliveira Alves. A peça orçamentária está ainda em fase de elaboração e deverá estar pronta dentro de dez ou 15 dias. Denisard garante que até o próximo dia 20 deverá encaminhar o documento à Câmara Municipal. A prefeitura, entretanto, tem prazo até o dia 30, conforme determina a legislação.

O orçamento crescerá em torno de 150% em relação à peça orçamentária deste ano, que irá fechar em torno de Cr\$ 2 trilhões. Portanto, abaixo do índice inflacionário, o que significa que a cidade estará mais pobre no ano que vem. Embora o número de cinco trilhões não seja definitivo, o orçamento, segundo Denisard, deverá situar-se neste patamar e se passar será algo em torno de 500 bilhões de cruzeiros, para mais ou para menos. A prioridade entretanto no próximo ano não mudou, ou seja, estará voltada para os problemas de natureza eminentemente social. Os secretários municipais já entregaram ao prefeito Mário Covas, na última reunião de secretariado, realizada na semana passada, os seus pedidos de verbas para o próximo ano.

Os pedidos já se encontram na Secretaria de Finanças onde Denisard está analisando cada uma das propostas. A peça orçamentária deverá, entretanto, antes de ser divulgada e enviada à Câmara Municipal para discussão e votação, ser submetida antecipadamente aos vereadores. O prefeito, de acordo com Denisard, deverá dar mais verba para serviços de manutenção da cidade, obras de microdrenagem, reequipagem das regionais, construção de postos de saúde e hospitais e para a manutenção da rede escolar municipal.

Dentro deste critério, deverão receber maiores verbas as Secretarias das Administrações Regionais, da Família e Bem-Estar Social, da Educação e de Vias Públicas. Tradicionalmente receberão menos recursos as chamadas secretarias meios, entre elas, a própria Secretaria das Finanças e a de Negócios Jurídicos. Denisard garante que não está havendo muita dificuldade na elaboração da peça orçamentária, porque "não tem

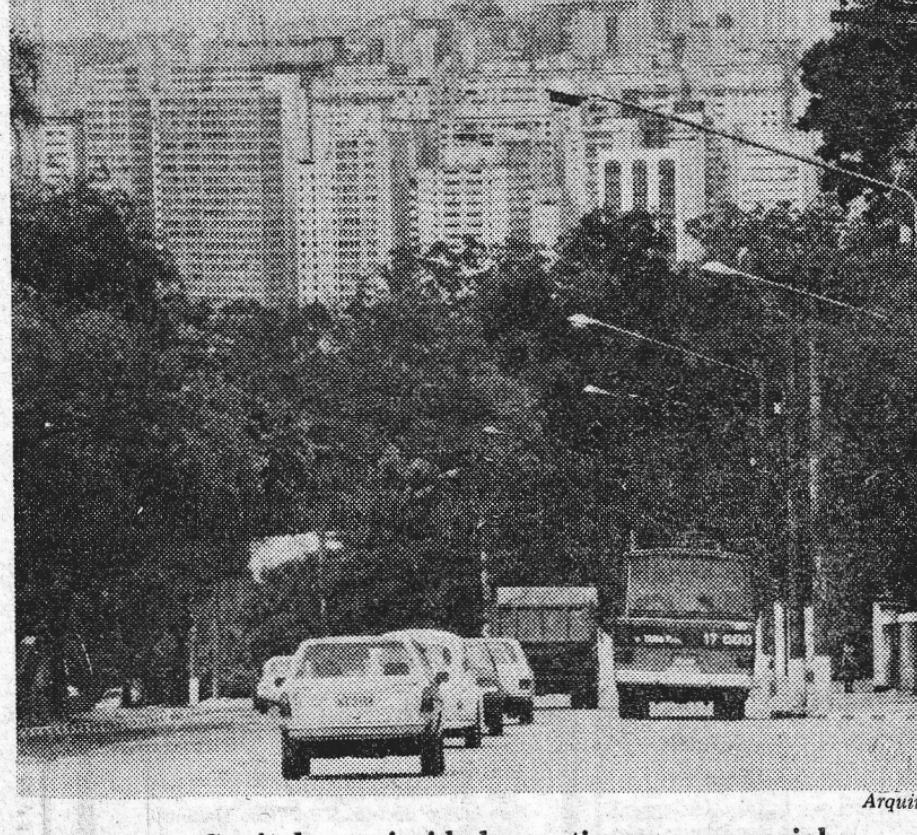
muito dinheiro mesmo, a gente sabe, e então, fica mais fácil".

O secretário não quis, entretanto, informar quanto pediram os secretários municipais, mas admitiu que as cifras apresentadas foram altas. "Secretário que não pede muito não é um bom secretário", sentenciou, mas admitiu que seu dever como secretário das Finanças será o de proceder aos cortes considerados necessários, tendo em vista a escassez dos recursos. Nesse sentido, explicou, a receita própria da prefeitura vem caindo ano a ano. E, se antes girava em torno de um bilhão e 200 milhões de dólares, atualmente se situa na faixa de 750 milhões de dólares. O déficit orçamentário também está crescendo ano a ano, tendo passado de dez para 15% este ano.

O quadro é dramático, segundo o secretário, pois está havendo, "aumento de despesas com inflação e receita caindo com recessão". Ele se queixou também da participação pequena do Município no bolo tributário da Nação. Segundo Denisard, atualmente a prefeitura gasta somente com pessoal e encargos da dívida interna e externa o equivalente a 95% do total previsto no orçamento. Os 5% restantes são aplicados em atividades, ou seja, serviços de manutenção, essencialmente. Nada sobra para novos investimentos, o que só pode acontecer com o crescente endividamento do Município.

Apesar disso, Denisard não se mostra preocupado com a dívida da prefeitura. Hoje, a dívida fundada, segundo ele, situa-se em torno de 650 bilhões de cruzeiros, número "perfeitamente suportável", em seu entender, tendo em vista um orçamento municipal este ano da ordem 2 trilhões de cruzeiros. Mas o ideal mesmo, segundo o secretário de Finanças, seria a receita crescer e a prefeitura receber do governo federal o que tem direito em termos de receita tributária.

Sobre o aumento do Imposto Predial e Territorial Urbano IPTU, Denisard disse que o percentual, que acompanha a peça orçamentária, ainda não está definido, mas seguramente não deverá suplantar os 200% de inflação. E isso porque "o povo de São Paulo não tem condições de suportar uma cifra desta e a Prefeitura de São Paulo tem convicção disso", observou. "Afinal, sabemos que estamos no pior dos mundos", completou.



Arquivo

Na Capital, a prioridade continua a ser social